

---

**TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE CONTEÚDO E DE ESTRUTURA INTERNA DA VERSÃO BRASILEIRA DA CONTEST ORIENTATION SCALE****TRANSLATION, ADAPTATION, AND CONTENT AND INTERNAL STRUCTURE VALIDITY EVIDENCES OF THE BRAZILIAN VERSION OF THE CONTEST ORIENTATION SCALE****Gabriel Henrique Treter Gonçalves<sup>1</sup>, Roberto Tierling Klering<sup>2</sup>, Hannah Aires<sup>3</sup>, Marcos Alencar Abaide Balbinotti<sup>4</sup> e Carlos Adelar Abaide Balbinotti<sup>3</sup>**<sup>1</sup> Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil.<sup>2</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Sapucaia do Sul-RS, Brasil.<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, Brasil.<sup>4</sup> Université du Québec à Trois-Rivières, Trois-Rivières-QC, Canadá.**RESUMO**

O objetivo do estudo foi traduzir, adaptar e apresentar as primeiras evidências de validade de conteúdo e de estrutura interna da versão brasileira da Contest Orientation Scale. Para tanto, foram realizados três estudos. No primeiro estudo, a tradução dos itens da escala e adaptação para o contexto esportivo brasileiro, considerando aspectos culturais e teóricos, foi realizada por quatro juízes, fluentes em ambos os idiomas (inglês e português). No segundo estudo, foi realizada a validação de conteúdo da versão traduzida. Para tanto, três juízes realizaram a avaliação da Clareza de Linguagem ( $CV_{CL} = 0,90$ ), Relevância Teórica ( $CV_{TR} = 0,91$ ) e Dimensionalidade Teórica ( $K_{Total} = 0,71$ ). Os resultados variaram de bons a satisfatórios. No terceiro estudo, a escala foi aplicada a 188 atletas de ambos os sexos, com idade média de 30,6 anos. Realizou-se uma análise fatorial semi-confirmatória, que apresentou uma solução fatorial limpa, com ajuste variando de razoável a satisfatório e índices de fidedignidade satisfatórios ( $\alpha = 0,744$ ). Conclui-se que a versão brasileira da escala apresenta índices favoráveis à sua aplicação na avaliação das orientações à disputa no esporte.

**Palavras-chave:** Competição. Esporte. Pedagogia.**ABSTRACT**

The aim of the study was to translate, adapt and present the first evidences of content and internal structure validity of the Brazilian version of the Contest Orientation Scale. To this end, we carried out three studies. In the first study, four judges, fluent in both languages (English and Portuguese), translated the scale's items and adapted to the Brazilian sports context, considering cultural and theoretical aspects. In the second study, we performed the calculation of content validity of the translated version. For that, three judges performed the assessment of Language Clarity ( $CV_{CL} = 0.90$ ), Theoretical Relevance ( $CV_{TR} = 0.91$ ) and Theoretical Dimensionality ( $K_{Total} = 0.71$ ). Results ranged from good to satisfactory. In the third study, we applied the scale to 188 athletes of both sexes, with a mean age of 30.6 years. A semi-confirmatory factor analysis was performed, which presented a clean factor solution, with model adjustments ranging from fair to satisfactory and satisfactory reliability indices ( $\alpha = 0.744$ ). We concluded that the Brazilian version of the scale presents favorable indices for its application in the evaluation of contest orientations in sports.

**Keywords:** Competition, Sport, Pedagogy.**Introdução**

O processo competitivo<sup>1</sup> vem sendo estudado, ao longo das últimas décadas, a partir de quatro estágios consecutivos e relacionados, sendo eles: 1) Situação Competitiva Objetiva, referindo-se à formatação da competição composta por suas regras e estruturas de metas; 2) Situação Competitiva Subjetiva, referindo-se à percepção, aceitação e avaliação da Situação Competitiva Objetiva por parte do competidor; 3) Respostas à Competição, referindo-se ao que provêm das situações competitivas (objetiva e subjetiva); e, 4) Consequências das Respostas à Competição, referindo-se aos resultados das interações entre situações competitivas (objetiva e subjetiva) e respostas à competição. Tanto Martens<sup>1</sup> quanto outros autores<sup>2-4</sup> mencionaram aspectos práticos relativos a esses estágios.

No campo prático, a Situação Competitiva Objetiva tem sido repensada por responsáveis de diversas federações esportivas, as quais têm adotado novos sistemas de disputa, especialmente quando destinadas a crianças e adolescentes<sup>5</sup>. Algumas pesquisas vêm sendo desenvolvidas, especialmente no sentido de analisar e discutir os regulamentos competitivos para este público<sup>6,7</sup>. Outras, analisaram a percepção de treinadores a respeito das competições infantojuvenis<sup>4,5,8</sup>. Quanto à Situação Competitiva Subjetiva, esta pode ser influenciada por diversos fatores, como, por exemplo: a percepção de habilidade; a motivação; e, a importância da situação competitiva. No contexto brasileiro, Balbinotti e colaboradores<sup>2</sup> desenvolveram a Escala Balbinotti de Motivos à Competitividade no Esporte (EBMCE-18), a qual avalia três orientações à competitividade (Orientação à Vitória, Orientação à Performance e Orientação ao Status). Estas orientações podem estar relacionadas à forma com que o indivíduo se percebe na situação competitiva. Embora seja uma escala válida e fidedigna, a EBMCE-18<sup>2</sup> não avalia como o atleta (competidor) interpreta a situação competitiva. No contexto norte americano, Shields e Bredemeier<sup>9,10</sup> se debruçaram precisamente sobre o tema, considerando duas possíveis formas de interpretação das disputas, baseadas em metáforas conceituais, sendo elas: Cenário de Guerra e Cenário de Parceria.

Quanto às Respostas à Competição, estas podem ser exemplificadas pelo estresse competitivo e emoções negativas estressoras (e.g. ansiedade)<sup>11</sup>, bem como pelos níveis de motivação para e em decorrência da competição<sup>3</sup>. Entende-se que, por exemplo, uma Situação Competitiva Objetiva inadequada às capacidades dos competidores poderia gerar respostas negativas, como desmotivação. Enquanto uma Situação Competitiva Objetiva mais adequada poderia gerar respostas positivas, como sensação de competência, contribuindo para o comportamento autodeterminado. Por fim, as Consequências das Respostas à Competição podem ser positivas, como a melhora em índices de saúde física e mental ou melhor desempenho. Também podem ser negativas, como lesões, síndrome de *burnout* e baixa performance. Por exemplo, um atleta é colocado em uma situação na qual é gerado um desconforto físico e psicológico, interpreta a competição enquanto um contexto de guerra, e a resposta à situação competitiva é ansiedade. As Consequências da Resposta à Competição resultantes da interação entre as situações competitivas (objetiva e subjetiva) e da Resposta à Competição podem ser a redução no desempenho esportivo. Esta, claro, foi uma situação hipotética, simplesmente com a finalidade de demonstrar a interação entre os diferentes estágios de todo o processo competitivo proposto por Martens<sup>1</sup>.

O presente estudo se debruçará, precisa e unicamente, sobre o segundo estágio do processo competitivo – a Situação Competitiva Subjetiva –, levando-se em consideração as contribuições de David Shields, Brenda Bredemeier e Christopher Funk<sup>9,10,12,13,14,15</sup>, no que tange a avaliação de como o competidor interpreta o contexto competitivo no esporte. Finalmente, o objetivo do estudo foi traduzir, adaptar e apresentar as primeiras evidências de validade de conteúdo e de estrutura interna da versão brasileira da *Contest Orientation Scale*<sup>12</sup>. Destaca-se aqui a importância de se avaliar com instrumentos válidos e fidedignos, levando-se em consideração e respeitando a cultura na qual o atleta está inserido, enquanto parte do processo de tradução e adaptação.

## Marco Teórico

O marco teórico do presente artigo está empenhado em abordar a competição esportiva a partir de duas concepções metafóricas desenvolvidas por Shields e Bredemeier<sup>10</sup>. Ainda que os autores defendam que uma ou mais concepções metafóricas trabalham em conjunto, a fim de fornecer um maior e mais amplo entendimento sobre um assunto em questão, eles centram-se em duas metáforas conceituais para explicar dois dos principais

cenários em que a competição esportiva é vista atualmente: o Cenário de Guerra e o Cenário de Parceria.

Porém, antes de tratar dos cenários metafóricos para a competição esportiva, cabe explicar a razão do uso das metáforas. Para os autores citados anteriormente<sup>10</sup>, em diversos âmbitos da vida, a humanidade se utiliza de metáforas conceituais e linguísticas para abordar determinados assuntos, como, por exemplo, no amor, que pode ser retratado em um contexto de nutriente ou como fogo (e. g. *“Ele está faminto por afeto”*; ou *“Eu estou ardendo em paixão”*). No esporte, ocorre o mesmo, porém, aqui os autores trazem metáforas relacionadas à guerra e à parceria que remetem à etimologia da palavra “competir”. Para Shields e Funk<sup>14</sup>, o termo origina-se do latim, significando *“esforçar-se com”* (Cenário de Parceria), e não *“esforça-se contra”* (Cenário de Guerra), ainda que o último seja aparentemente dominante na sociedade atual.

No caso do Cenário de Guerra, a principal meta a ser alcançada é a demonstração de superioridade sobre o adversário. A satisfação é baseada em recompensas extrínsecas, obtidas às custas dos adversários. Alguns exemplos citados pelos autores dessa concepção metafórica acerca da competição são: *“Eles têm muitas armas”*, *“Ela é uma guerreira”*, *“Eles ainda estão bastante vivos”*, e *“Eles estão marchando pelo campo”*<sup>10</sup>. Neste contexto, o treinador é o *“general”*, o plano de jogo é a *“estratégia”* e os jogadores ou suas habilidades/capacidades, são as *“armas”*. Com isso, há a compreensão de que o vencedor é o único a ser beneficiado pelo confronto.

Já a competição compreendida enquanto um Cenário de Parceria é interpretada de forma oposta. Nesse sentido, os competidores buscam a excelência de desempenho, procurando superar o desafio gerado pelo seu adversário. O prazer é encontrado no esforço em busca da superação dos próprios limites, gerando benefícios para ambos os competidores, independentemente do resultado<sup>10</sup>. Aqui os exemplos metafóricos trazidos são: *“Os times trouxeram à tona o melhor um do outro”*, *“É uma pena alguém ter de perder esse jogo”*, *“Eles transformaram a derrota em vitória”*, *“Todos se divertiram”* e *“As equipes balançaram para frente e para trás, como dançarinos envolvidos pelo ritmo do jogo”*. Esse cenário ajuda a ilustrar a visão de uma competição compreendida como uma relação em que todas as partes se beneficiam do encontro esportivo.

Assim, embora estas sejam duas visões situadas em polos opostos acerca da concepção do que é uma competição esportiva (ver Quadro 1), mostra como o esporte pode ser interpretado, conduzido e performado de maneiras distintas, não cabendo somente a uma ou outra visão, mas a toda uma gama de possibilidades entre essas duas concepções, mostrando, inclusive, algumas contradições entre algumas ações e outras por parte de um mesmo competidor.

Conceito Metafórico	Parceria	Batalha/Guerra
<b>Objetivos</b>	Aprendizagem e aperfeiçoamento Buscar melhores resultados pessoais	Dominação e conquista Buscar superioridade
<b>Motivações</b>	Amor pelo jogo Alegria na realização	Usar o jogo para ganhar algo Vibrar às custas do adversário
<b>Compreensão de oponente</b>	Parceiro e Capacitador	Inimigo e Obstáculo
<b>Compreensão de Regras</b>	Imperfeitas para guiar à justiça e bem-estar	Restrições toleradas parcialmente
<b>Compreensão de Árbitro</b>	Facilitador	Adversário
<b>Jogando e Vencendo</b>	Foco no processo	Foco no resultado
<b>Emoções</b>	Predomínio de emoções positivas Jogo e seriedade em equilíbrio	Predomínio de emoções negativas Seriedade ofusca o jogo
<b>Interesses de quem são atendidos?</b>	Interesse mútuo Bem comum	Interesse do vitorioso Bem individual
<b>Disputa ideal</b>	Jogo com oposição equilibrada Tensão, expectativa e drama	Jogo com oposição fraca Certeza de resultado positivo
<b>Como devemos chamar tudo isso?</b>	Competir COM	Competir CONTRA

**Quadro 1.** Implicações das metáforas conceituais da competição

Fonte: adaptado de Shields e Bredemeier<sup>10</sup>

Assim, pode-se recorrer ao que afirmam Reverdito e Scaglia<sup>16</sup> que defendem que a competição não é boa nem ruim, mas aquilo que especificamos para seus fins. Isso faz com que toda a comunidade envolvida com a competição esportiva (gestores, treinadores, atletas/jogadores, mídia etc.) sejam responsáveis pelo ambiente pedagógico e as concepções atinentes ao período histórico vivenciado ou mesmo à transformação de sua concepção de acordo com aquilo que se pretende alcançar no futuro, pois ela é criada pelo homem e deve ser interpretada de acordo com o seu período histórico.

Nesse caminho, vê-se que o sentido da competição esportiva parece estar próximo do contexto de parceria para autores como Milistetd, Mesquita, Nascimento e Souza-Sobrinho<sup>17</sup>, ao afirmarem que o esporte é constantemente apontado como um dos fatores que podem contribuir para a formação de crianças e adolescentes. Somado a isso, de acordo com Marques<sup>18</sup> (p. 77), “a competição – o jogo – é o elemento mais estruturante de toda a formação esportiva da criança e um aspecto determinante da sua educação, na sua preparação para a vida”. E por fim, identificando necessidades de melhorias quanto à compreensão da concepção de competição esportiva, Shields e Funk<sup>14</sup> defendem que a competição precisa ser melhor conceituada no contexto infantojuvenil, pois muitos adultos (treinadores, professores e pais) ainda possuem entendimentos equivocados sobre a competição (Cenário de Guerra).

## Estudo 1 – Tradução e Adaptação Transcultural

### Método

#### *Participantes*

Contou-se com a participação de quatro juízes-avaliadores, todos doutores e com mais de 5 anos (variando de 5 a 22 anos) de atuação na área acadêmica. Mesmo que todos atuem em disciplinas diferentes, têm experiência na área do esporte, sólido conhecimento do referencial teórico inerente à *Contest Orientation Scale* (COS)<sup>12</sup>, e são reconhecidos por seus interesses em psicometria. Todos fluentes em ambos idiomas (inglês – língua em que o instrumento foi originalmente construído – e português do Brasil – língua para a qual o instrumento será traduzido), sendo três do sexo masculino e um do sexo feminino. Após uma consulta aos pares, a fim de receber indicações de pesquisadores que trabalhassem com o construto competição, e consulta ao currículo Lattes dos pesquisadores, a fim de verificar sua experiência acadêmica, foi realizado o contato via e-mail com os pesquisadores indicados para apresentar o objetivo do estudo e como eles poderiam participar. Com a aceitação final dos quatro juízes-avaliadores, deu-se continuidade ao processo de tradução e adaptação transcultural.

#### *Procedimentos de tradução e adaptação transcultural*

Conforme recomenda Cassep-Borges, Balbinotti e Teodoro<sup>19</sup>, o processo de tradução e adaptação transcultural foi realizado em três momentos. Primeiramente, em posse da COS e com a devida autorização dos autores, dois dos juízes-avaliadores realizaram a tradução de cada um dos itens (do inglês para o português) da COS. Em um segundo momento, os outros dois juízes-avaliadores realizaram a tradução reversa (do português para o inglês). No terceiro momento, em comitê, ou seja, os quatro juízes-avaliadores em conjunto, verificaram se houve (ou não) alteração ou perda de sentido por parte dos itens traduzidos. Finalmente, foram discutidas adequações com base no vocabulário utilizado no esporte brasileiro, bem como de forma a atender a teoria a partir da qual o instrumento original foi concebido.

### Resultados

Como mencionado, o processo de tradução e adaptação transcultural foi realizado por quatro indivíduos com experiência no esporte e conhecimento do referencial teórico a partir do qual o instrumento original foi concebido<sup>12</sup>. Esta última característica torna-se fundamental para a boa condução do estudo, pelo fato de que palavras podem possuir diferentes sentidos e, conseqüentemente, diferentes traduções<sup>20</sup>. Ainda, quando imbricadas a uma teoria, deve-se ter o maior cuidado para não ferir a essência do que originalmente se concebeu<sup>19</sup>.

Um exemplo relevante dessa importância do conhecimento da teoria se dá logo ao traduzir o nome da escala: *Contest Orientation Scale*. Considerando que é uma escala concebida para aplicação no contexto esportivo, poder-se-ia traduzir como “Escala de Orientação à Competição”. No entanto, os autores<sup>9</sup> consideram que o termo “competição” se limita às atitudes e percepções de apenas uma das duas orientações contempladas pelo instrumento - aquelas relacionadas à parceria - enquanto atitudes e percepções orientadas segundo um cenário de guerra são *decompetition* (descompetição) – neologismo utilizado pelos autores para designar algo que não é, de forma alguma, competição, mas o oposto dela. Portanto, a palavra “competição” não é, de fato, adequada. O substantivo *contest* pode ser traduzido como “disputa”, “luta”, “torneio” ou “debate”, além de “competição”. Sendo assim, a melhor tradução, adaptada de acordo com o contexto e levando-se em consideração

a teoria, é “Escala de Orientação à Disputa no Esporte”. Nota-se ainda que o termo “esporte” foi adicionado, deixando clara e especificando a sua aplicação.

A experiência no meio esportivo, por parte dos juizes, é de grande relevância à medida que termos específicos devem, rigorosamente, fazer sentido no contexto em que o instrumento será aplicado. Assim, uma tradução literal do instrumento original configura-se como insuficiente para a melhor compreensão do futuro respondente. Um exemplo claro seria o item 1 do instrumento:

- Versão original: *“In sport, the goal is to conquer your opponent”*.
- Versão traduzida: *“No esporte, a meta é conquistar seu oponente”*.
- Versão adaptada: *“No esporte, o objetivo é dominar o adversário”*.

Os termos *goal*, *to conquer* e *opponent*, devidamente traduzidos como “meta”, “conquistar” e “oponente”, respectivamente, apesar de serem compreensíveis à grande maioria de atletas brasileiros, não refletem a linguagem costumeiramente utilizada no contexto esportivo. Sendo assim, os termos supramencionados foram adaptados para “objetivo”, “dominar” e “adversário”.

O Quadro 2 apresenta os conteúdos dos itens originais (em inglês) e respectivamente adaptados para o português do Brasil.

Item		Conteúdo
1	<b>Original</b> <b>Adaptação</b>	<i>In sport, the goal is to conquer your opponent.</i> No esporte, o objetivo é dominar o adversário.
2	<b>Original</b> <b>Adaptação</b>	<i>When my opponents try hard to win, they are giving me something of value.</i> Quando meus adversários se esforçam para vencer, eles contribuem com algo valioso para mim.
3	<b>Original</b> <b>Adaptação</b>	<i>In tight contests, I want my opponents to be at their best.</i> Em disputas equilibradas, eu quero que meus adversários apresentem o seu melhor.
4	<b>Original</b> <b>Adaptação</b>	<i>When I compete, my opponent is my enemy.</i> Quando eu estou competindo, meu adversário é meu inimigo
5	<b>Original</b> <b>Adaptação</b>	<i>When opponents try to win, they are helping each other</i> Quando adversários tentam vencer um ao outro, ambos melhoram
6	<b>Original</b> <b>Adaptação</b>	<i>The purpose of competition is to bring out the best in everyone.</i> O objetivo da competição é que todos mostrem o seu melhor.
7	<b>Original</b> <b>Adaptação</b>	<i>Competition is war</i> A competição é uma guerra.
8	<b>Original</b> <b>Adaptação</b>	<i>When I try hard to win, I am giving something of value to my opponent.</i> Quando eu me esforço para vencer, eu contribuo com algo valioso para o meu adversário.
9	<b>Original</b> <b>Adaptação</b>	<i>Sport is a fight to see who is best.</i> O esporte é uma luta para ver quem é o melhor.
10	<b>Original</b> <b>Adaptação</b>	<i>Sport is battling against opponents</i> O esporte é batalhar contra os adversários.
11	<b>Original</b> <b>Adaptação</b>	<i>In sports, like in war, opponents stand between you and success.</i> No esporte, como na guerra, os adversários estão entre você e o sucesso.
12	<b>Original</b> <b>Adaptação</b>	<i>After a narrow win, I really appreciate my opponents</i> Depois de uma vitória difícil, eu reconheço qualidades no meu adversário.

**Quadro 2.** Resultado do processo de tradução e adaptação transcultural da Escala de Orientação à Disputa no Esporte (EODE-12)

Fonte: autores

## Estudo 2 – Validação de Conteúdo

### Método

#### Participantes

Para a realização do processo de validação de conteúdo foram convidados a participar 3 juízes-avaliadores – todos doutores, especialistas nas áreas de Pedagogia do Esporte, com estudos dirigidos às competições esportivas, com familiaridade em diferentes modalidades esportivas (individuais e coletivas, de invasão, de rede/parede, de marca e técnico-combinatório). Os procedimentos para definição e convite dos juízes-avaliadores foram os mesmos adotados no Estudo 1. Convites aceitos, procedeu-se aos processos de coleta dos dados.

### *Instrumento*

Para a realização da validação de conteúdo do instrumento foi utilizado um formulário on-line, por meio da ferramenta “Google Formulários”, contendo os itens devidamente traduzidos e adaptados, e os critérios a serem avaliados – Clareza de Linguagem (CL), Relevância Teórica (RT) e Dimensionalidade Teórica (DT). Os dois primeiros critérios (CL e RT) foram avaliados de acordo com uma escala tipo *Likert*, com variação de cinco pontos, sendo (1) “pouquíssima” e (5) “muitíssima” clareza de linguagem ou relevância teórica. Para a DT, os juízes avaliadores deveriam indicar a qual das dimensões cada item pertencia: “Competição é parceria” ou “Competição é guerra”. Por fim, disponibilizou-se um espaço para comentários ou sugestões do avaliador acerca do item em questão.

### *Procedimentos de coleta e análise de dados*

Inicialmente, foi encaminhado por e-mail o link de acesso ao formulário on-line descrito anteriormente. Com base nas respostas obtidas, procedeu-se os cálculos do Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC), para os critérios CL e RT – procedimentos realizados de acordo as orientações de Balbinotti, Benetti e Terra<sup>21</sup> e Cassep-Borges, Balbinotti e Teodoro<sup>19</sup>, baseados nos cálculos sugeridos por Hernandez-Nieto<sup>22</sup> – e o Kappa de Fleiss para concordância entre juízes, para o critério DT<sup>23,24</sup>.

## **Resultados**

Todos os itens apresentaram CVC considerados satisfatórios ( $CVC > 0,80$ ), em ambos os critérios, com exceção de dois itens (item 1 e item 11). O item 1, “No esporte, o objetivo é dominar o adversário”, e o item 11, “No esporte, como na guerra, os adversários estão entre você e o sucesso”, apresentaram CVC de 0,76 para CL e RT, respectivamente – índice considerado aceitável, ainda que limítrofe ao idealmente desejado. Em ambos os casos, não foram sugeridas alterações por parte dos juízes-avaliadores e, considerando a proximidade com o índice desejado ( $CVC > 0,80$ ), optou-se pela manutenção dos itens, temendo-se a perda de informação ou redução da variância explicada, com a retirada deles. Assim, para a escala completa, chegou-se a índices considerados satisfatórios, tanto para CL ( $CVC_{tCL} = 0,90$ ), quanto para RT ( $CVC_{tRT} = 0,91$ ).

A fim de verificar a concordância entre as respostas dos juízes-avaliadores, quanto à Dimensionalidade Teórica (DT), foi realizado o cálculo do Kappa de Fleiss. Quando avaliados os itens referentes à dimensão “Competição é Parceria”, verificou-se um acordo “muito bom” ( $K_{Parceria} = 0,86$ ), enquanto, quando avaliados os itens referentes à dimensão “Competição é Guerra”, o índice de concordância foi considerado “bom” ( $K_{Guerra} = 0,72$ ). De forma geral, quando avaliada a escala completa, o índice de concordância foi considerado “bom” ( $K_{Total} = 0,71$ )<sup>25</sup>. Precisamente, não houve concordância absoluta em apenas três, dos 12, itens. Mesmo assim, em todos os casos, foi observado que a maioria dos juízes-avaliadores entendeu os itens como pertencentes às dimensões para as quais foram teoricamente elaborados.

## **Estudo 3 – Análise da Estrutura Interna e Fidedignidade do Instrumento**

### **Método**

#### *Participantes*

Para a realização das análises referentes ao estudo 3 foram coletados dados de atletas praticantes de diferentes modalidades esportivas. A amostra foi composta por 188 atletas, sendo 91 do sexo feminino e 97 atletas do sexo masculino, com idades variando de 13 a 66

anos ( $X = 30,6$ ;  $dp = 12,6$ ) anos. A amostra possuía média de 8 anos de prática ( $dp = 7,6$ ) nas suas respectivas modalidades, que eram praticadas com uma frequência média de 3,4 vezes por semana ( $dp = 1,6$ ). Neste estudo, a amostra foi estabelecida de forma não aleatória, por conveniência, sendo esta considerada uma adequada fonte de informação se somada à recomendação de uma razão participantes e número de variáveis próxima ou superior a 10 – no presente estudo, essa razão foi de 15,7 participantes por variável.

### *Instrumento*

A Escala de Orientação à Disputa no Esporte (EODE-12), versão traduzida da COS<sup>12</sup>, é um instrumento que objetiva identificar as orientações de disputa de participantes de competições esportivas. Os itens do instrumento são respondidos por meio de uma escala tipo *Likert*, variando de um (1) a cinco (5) pontos, sendo (1) Discordo fortemente e (5) Concordo fortemente. A EODE-12 é, de acordo com a teoria, composta por duas dimensões: Cenário de Parceria e Cenário de Guerra, conforme descrito no marco teórico.

### *Procedimentos de coleta e análise de dados*

Com o assentimento das instituições às quais os atletas estavam vinculados, foram agendadas visitas às sessões de treinamento para a realização da coleta dos dados. A equipe de pesquisa apresentava o objetivo do estudo e, somente a partir da resposta afirmativa dos atletas, era enviado por e-mail aos mesmos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como a EODE-12 para resposta.

Inicialmente, considerando que uma dimensão se opõe a outra, realizou-se a inversão das respostas de uma das dimensões, evitando, assim, correlações negativas, moderadas e fortes, entre itens. Para a realização das análises fatoriais foram previamente realizados o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), que mede a adequação da amostra indicando a proporção de variação em suas variáveis que pode ser causada por fatores subjacentes, e o teste de esfericidade de Bartlett, que testa a hipótese de a matriz de correlação ser uma matriz de identidade. Na sequência, foi realizada análise fatorial semi-confirmatória, baseada em matrizes policóricas, a fim de se obter informações acerca da estrutura interna da escala. Os resultados serão apresentados de acordo com as recomendações de Kline<sup>26</sup> e Brown<sup>27</sup>. Por fim, foram realizados os cálculos referentes ao Alpha de Cronbach para análise da consistência interna da escala completa, bem como de cada uma das dimensões. Todos os procedimentos estatísticos supracitados foram realizados com o software Factor, versão 10.10.01.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob o número 09797812.3.0000.5347.

## **Resultados**

Em se tratando de análises fatoriais, primeiramente é necessário assegurar uma adequada interpretação dos resultados. Para tanto, foram estimados o coeficiente (KMO), o Determinante da Matriz de Correlação e realizado o Teste de Esfericidade de Bartlett. Apesar do coeficiente KMO ( $KMO = 0,644$ ) apresentar resultado considerado “mediocre” (ainda que aceitável para o prosseguimento das análises), foi demonstrado que o resultado da medida de redundância da informação foi diferente de zero ( $|R| = 0,0061$ ), indicando a ausência de qualquer tipo de repetição ou relações de linearidade entre os itens. Ainda, o Teste de Esfericidade de Bartlett ( $p < 0,001$ ) indica que a matriz de correlação não é uma matriz de identidade, havendo, portanto, algumas relações entre variáveis que se espera incluir na análise. Todos estes resultados garantem a pertinência dos cálculos fatoriais<sup>28-30</sup>.

Uma análise Robusta dos Mínimos Quadrados Ponderados Diagonalmente (RDWLS), seguida de rotação Robust Promin testou a estrutura fatorial exploratória da EODE-12, considerando seus dois fatores determinados *à priori*<sup>12</sup>. Foi evidenciada uma solução fatorial pura - sem duplas saturações - e com todos os itens medidos saturando no seu respectivo fator, também de acordo com a escala original (ver Tabela 1). Destaca-se ainda que a solução apresentada explica 52,1% da variância total do construto, sendo que o fator Orientação à Parceria (OP) explica 27,5% e o fator Orientação à Guerra (OG) explica 24,6% da variância - resultados que podem ser considerados satisfatórios.

**Tabela 1.** Solução fatorial da Escala de Orientação à Disputa no Esporte

Item	Conteúdo do item	Análise fatorial exploratória	
		OP	OG
08	Quando eu me esforço para vencer, eu contribuo com algo valioso para o meu adversário.	0,918	
02	Quando meus adversários se esforçam para vencer, eles contribuem com algo valioso para mim.	0,848	
05	Quando adversários tentam vencer um ao outro, ambos melhoram.	0,618	
03	Em disputas equilibradas, eu quero que meus adversários apresentem o seu melhor.	0,559	
12	Depois de uma vitória difícil, eu reconheço qualidades no meu adversário.	0,465	
06	O objetivo da competição é que todos mostrem o seu melhor.	0,314	
10	O esporte é batalhar contra os adversários.		0,849
11	No esporte, como na guerra, os adversários estão entre você e o sucesso.		0,803
09	O esporte é uma luta para ver quem é o melhor.		0,746
07	A competição é uma guerra.		0,652
01	No esporte, o objetivo é dominar o adversário.		0,536
04	Quando eu estou competindo, meu adversário é meu inimigo		0,534

Fonte: autores

Após identificar que a solução fatorial está de acordo com o modelo teórico, procedeu-se à segunda etapa da análise fatorial semi-confirmatória, verificando se o modelo sugerido se adequa aos dados disponíveis. Os resultados encontrados demonstram bons índices de ajustamento absoluto ( $X^2/gl = 2,31$ ;  $AGFI > 1,00$ ), resultado razoável de ajustamento parcimonioso ( $RMSEA = 0,08$ ;  $P_{(RMSEA < 0,05)} = 0,951$ ) e satisfatórios índices de ajustamento comparativo ( $CFI = 0,95$ ;  $NNFI = 0,92$ ), indicando que os dados minimamente se adequam ao modelo hipotético pelo viés das matrizes de covariância estimadas e calculadas<sup>26,27</sup>.

Por fim, foram realizados os cálculos para a verificação da fidedignidade da escala. Os coeficientes Alpha de Cronbach calculados demonstram que tanto a escala completa ( $\alpha = 0,744$ ), quanto as dimensões ( $\alpha_{OP} = 0,794$ ;  $\alpha_{OG} = 0,822$ ) apresentam consistência interna satisfatória<sup>31</sup>. Os resultados indicam que a EODE-12 se trata de um instrumento com boa precisão, no sentido de que avalia o que se pretende avaliar.

## Discussão

O processo de validação de um instrumento deve ser sistemático e constante, não sendo prudente declarar um instrumento como definitivamente validado. No caso de processos de validação de um instrumento elaborado tendo como referência um outro

contexto, a apresentação das primeiras evidências de validade (ex.: conteúdo e estrutura interna) se torna um desafio ainda maior. Os procedimentos de tradução e a indispensável adaptação transcultural de um instrumento devem ser minuciosamente discutidos, tendo em vista justamente as especificidades para as quais o instrumento foi originalmente concebido – neste caso, a COS foi elaborada e vem sendo aplicada em atletas-estudantes do Ensino Médio e Ensino Superior, de ambos os sexos, de múltiplas etnias e praticantes de modalidades esportivas diversas, inseridos no contexto esportivo norte americano<sup>12,13,32,33</sup>.

No entanto, a cultura esportiva não é o único aspecto a ser cuidado ao se adaptar uma escala. O conhecimento da teoria se torna fundamental à medida que os autores<sup>12</sup> propõem uma ressignificação de conceitos comumente utilizados no contexto esportivo. Trata-se especificamente do conceito de competição. Para os autores, competição só existe no contexto de parceria, remontando à origem da palavra (esforçar-se junto). Competir com, ao invés de competir contra. Logo, o instrumento, ao avaliar a situação competitiva subjetiva<sup>1</sup>, baseado nas metáforas de parceria e guerra, mede algo que é mais do que “competição” – são disputas esportivas. A adequabilidade da tradução ao contexto esportivo brasileiro é demonstrada por meio dos bons índices de validade de conteúdo apresentados.

Shields, Funk e Bredemeier<sup>12</sup> descrevem as etapas de elaboração e processos de validação da escala original. Neste artigo, indicam que a versão preliminar da COS possuía 39 itens; após aplicação e análises, foi reduzida a 23 itens; e, em uma terceira etapa, chegou à sua versão final com 12 itens. O número de itens é uma importante, mas contraditória, característica de um instrumento. Enquanto muitos itens contribuem para a melhora nos níveis de validade de conteúdo<sup>34</sup> – afinal, mais arestas da variância de cada dimensão são contempladas –, um número reduzido de itens torna o instrumento mais rápido e “mentalmente econômico” para quem o responde. Considera-se lastimável, apesar da boa variância explicada encontrada, a impossibilidade de realização dos processos de validação, anteriormente apresentados, com os 39 itens originais, especialmente ao considerar que eles tenham sido elaborados pelos autores e, muito provavelmente, dispunham de importante relevância teórica.

Ao comparar os índices referentes à estrutura interna, aqui apresentados, com os índices obtidos com a escala original ( $X^2/gl = 1,20$ ;  $CFI = 0,97$ ;  $RMSEA = 0,047$ ;  $\alpha_{parceria} = 0,77$ ,  $\alpha_{guerra} = 0,85$ )<sup>12</sup>, percebe-se que os primeiros são ligeiramente inferiores em qualidade. Este resultado é perfeitamente compreensível, especialmente considerando os aspectos anteriormente apresentados: 1) cultura para qual o instrumento foi concebido; 2) redução de itens até encontrar solução fatorial satisfatória.

No contexto nacional, Balbinotti e colaboradores<sup>2</sup> apresentam evidências de validade de um outro instrumento de medida da situação competitiva subjetiva, este orientado aos motivos à competitividade – a Escala Balbinotti de Motivos à Competitividade no Esporte (EBMCE-18). Neste caso, o construto é composto por três dimensões – Orientação à Vitória, Orientação à Performance e Orientação ao Status. Apesar de serem instrumentos que avaliam aspectos diferentes de uma mesma situação, entende-se como possível e relevante a investigação das correlações entre fatores das diferentes escalas. Como se comportam os níveis das orientações (motivacionais), de acordo com seu entendimento a respeito dos contextos competitivos (de guerra ou de parceria)? Quanto um contexto competitivo (de guerra ou de parceria) pode explicar as orientações (motivacionais) de atletas? Ou simplesmente, qual será a orientação (motivacional) predominante dos indivíduos que entendem a competição enquanto um contexto de guerra (ou de parceria)?

## Conclusões e Limitações

O objetivo do estudo foi traduzir, adaptar e apresentar primeiras evidências de validade de conteúdo e de estrutura interna da versão brasileira da *Contest Orientation Scale*<sup>12</sup>. Neste sentido, foram realizados procedimentos metodológicos sugeridos pela literatura especializada, resultando na Escala de Orientação à Disputa no Esporte (EODE-12). Esta versão da escala se apresentou como clara aos respondentes, com relevância teórica e com itens adequados às dimensões postuladas teoricamente, tendo sido evidenciado a partir dos processos de validação de conteúdo. Além disso, a estrutura interna encontrada foi compatível com a teorizada, apresentando índices de ajustamento variando de moderados a satisfatórios. Por fim, a EODE-12 apresentou índices de fidedignidade satisfatórios, tanto para as dimensões quanto para a escala completa, indicando que, de fato, mede com consistência o que se propõe a medir. Portanto, a EODE-12 parece adequada para o uso no contexto do esporte brasileiro, podendo ser considerada um importante instrumento de avaliação da situação competitiva subjetiva, quanto à identificação da percepção da competição enquanto um contexto de guerra ou um contexto de parceria.

Apesar dos bons resultados, é importante ressaltar que alguns itens apresentaram limitações: a) quanto às suas formulações, no sentido de que não avaliam um comportamento do respondente (ex.: “A competição é uma guerra”) e; b) por poderem induzir uma resposta entendida como socialmente desejável (ex.: “O objetivo da competição é que todos mostrem o seu melhor”). Apesar das limitações, considerando ser um instrumento utilizado internacionalmente em pesquisas na área, decidiu-se por manter a estrutura ecológica da escala, a fim de permitir a replicação de estudos e consequente comparação com outros cenários. Estudos futuros podem contribuir para elaboração de um instrumento concebido com base no contexto brasileiro, com os devidos cuidados com os procedimentos de elaboração dos itens.

## Referências

1. Martens R. Social psychology and physical activity. New York: Harper and Row; 1975.
2. Balbinotti MAA, Barbosa MLL, Saldanha RP, Balbinotti CAA. Estudos fatorialiais e de consistência interna da Escala Balbinotti de Motivos à Competitividade no Esporte (EBMCE-18). *Motriz* 2011;17(2):318-327. DOI: 10.5016/1980-6574.2011v17n2p318.
3. Ivanova N, Korostelev A. The impact of competitive approach on students' motivation in sport. *Rev Amazon investig* 2019 [Citado em 10 jun 2022];8(18):483-490. Disponível em: <https://amazoniainvestiga.info/index.php/amazonia/article/view/362>
4. Gonçalves GHT, Bulso RV, Floriano LT, Balbinotti CAA. Conteúdos pedagógicos nas competições infantojuvenis de futebol e futsal: um estudo comparativo. *Motrivivência* 2020;32(63):1-20. DOI: 10.5007/2175-8042.2020e71704
5. Gonçalves GHT, Klering RT, Aires H, Balbinotti CAA. Tennis competition's contributions to children's education and personal development. *J Phys Education* 2016;27:e2738. DOI: 10.4025/jphyseduc.v27i1.2738
6. Arena S, Böhme M. Federações esportivas e organização de competições para jovens. *Rev Bras Ciênc Mov* 2004 [Citado em 10 jun 2022];12(4):45-50. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/585>
7. Milistetd M, Nascimento JV, Silveira J, Fusverki D. Análise da organização competitiva de crianças e jovens: adaptações estruturais e funcionais. *Rev Bras Ciênc Esporte* 2014;36(3):671-678. DOI: 0.1590/2179-325520143630012
8. Krahenbühl T, Souza NP, Galatti LR, Scaglia AJ, Leonardo L. Competição de base e a formação de jovens atletas na perspectiva de treinadores de elite no handebol. *Pensar Prát* 2019;22:53089. DOI: 10.5216/rpp.v22.53089
9. Shields DL, Bredemeier BL. True competition. Champaign: Human Kinetics, 2009.
10. Shields DL, Bredemeier BL. Contest, competition, and metaphor. *J Philos Sport* 2011;38(1):27-38. DOI: 10.1080/00948705.2011.9714547

11. Van Paridon KN, Timmis MA, Nevison CM, Bristow M. The anticipatory stress response to sport competition; a systematic review with meta-analysis of cortisol reactivity. *BMJ Open Sport Exerc Med* 2017;3:e000261. DOI: 10.1136/bmjsem-2017-000261
12. Shields DL, Funk CD, Bredemeier BL. Contesting orientations: Measure construction and the prediction of sportspersonship. *Psychol Sport Exerc* 2015;20:1-10. DOI: 10.1016/j.psychsport.2015.03.008
13. Shields DL, Funk CD, Bredemeier BL. Can contesting orientations predict grittier, more self-controlled athletes?. *J Posit Psychol* 2018;13(5):440-448. DOI: 10.1080/17439760.2017.1350738
14. Shields DL, Funk CD. Teach to compete. *Strategies* 2011;24(5):8-11. DOI: 10.1080/08924562.2011.10590945
15. Shields DL, Funk CD, Bredemeier BL. The Moral Frameworks and Foundations of Contesting Orientations. *J Sport Exerc Psychol* 2016;38(2):117-127. DOI: 10.1123/jsep.2015-0139
16. Reverdito RS, Scaglia AJ. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. In: Reverdito RS, Scaglia AJ, Montagner PC, organizadores. *Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados*. São Paulo: Editora Phorte 2013:237-258.
17. Milistetd M, Mesquita, I, do Nascimento, JV, de Souza Sobrinho, AEP. Concepções dos treinadores acerca do papel da competição na formação desportiva de jovens jogadores de voleibol. *J Phys Educ*, 2008;19(2),151-158. DOI: 10.4025/reveducfis.v19i2.3324
18. Marques AT. Fazer da Competição dos mais Jovens um Modelo de Formação e Educação. In: Gaya A, Marques A, Tani G, organizadores. *Desporto para Crianças e Jovens. Razões e Finalidades*. Porto Alegre, Editora da Ufrgs 2004:75-96.
19. Cassepp-Borges V, Balbinotti MAA, Teodoro MLM. Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. In: Pasquali L, organizador *Instrumentação psicológica: Fundamentos e prática*. Porto Alegre: Artmed; 2010, p.506-520.
20. Pasquali L. Escalas Psicométricas. In: Pasquali L. *Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas*. Porto Alegre: Artmed; 2010, p.116-135.
21. Balbinotti MAA, Benetti C, Terra PRS. Translation and validation of the Graham-Harvey survey for the Brazilian context. *Int J Manag Finance* 2007;3(1):26-48. DOI: 10.1108/17439130710721644
22. Hernandez-Nieto RA. *Contributions to statistical analysis*. Mérida: Universidad de los Andes, 2002.
23. Fleiss JL. Measuring nominal scale agreement among many raters. *Psychol Bull* 1971;76(5):378-382. DOI: 10.1037/h0031619
24. Gwet KL. *Handbook of Inter-Rater Reliability*. Gaithersburg: Advanced Analytics; 2014.
25. Landis JR, Koch GG. The Measurement of Observer Agreement for Categorical Data. *Biometrics* 1977;33(1):159-174. DOI: 10.2307/2529310
26. Kline RB. *Principles and practice of structural equation modeling*. New York: The Guilford Press; 2015.
27. Brown TA. *Confirmatory factorial analysis for applied research*. New York: The Guilford Press; 2015.
28. Dassa C. *Analyse multidimensionnelle exploratoire et confirmative*. Montreal: Université de Montreal; 1999.
29. Balbinotti MAA. Para se avaliar o que se espera: reflexões acerca da validade dos testes psicológicos. *Aletheia* 2005 [Citado em 10 jun 2022];1(21):43-52. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942005000100005&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942005000100005&lng=pt).
30. Lorenzo-Seva U, Ferrando PJ. Factor: A computer program to fit the exploratory factor analysis model. *Behav Res Methods* 2006;38(1):88-91. DOI: 10.3758/BF03192753
31. Cronbach LJ, Shavelson RJ. My current thoughts on coefficient alpha and successor procedures. *Educ Psychol Meas* 2004;64(3):391-418. DOI: 10.1177/0013164404266386
32. Shields DL, Funk CD, Bredemeier BL. Relationships among moral and contesting variables and prosocial and antisocial behavior in sport. *J Moral Educ* 2018;47(1):17-33. DOI: 10.1080/03057240.2017.1350149
33. Funk CD, Shields DL, Bredemeier BL. Contesting orientations, self-determined motivation, and sportspersonship: Further validation of the contesting orientations scale. *Psychol Sport Exerc* 2016;27:66-77. DOI: 10.1016/j.psychsport.2016.08.005
34. Anastasi A, Urbina S. *Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas; 2000.

**ORCID:**

Gabriel Henrique Treter Gonçalves: <https://orcid.org/0000-0001-8048-7565>

Roberto Tierling Klering: <https://orcid.org/0000-0003-1536-3237>

Hannah Aires: <https://orcid.org/0000-0001-5008-9283>

Marcos Alencar Abaide Balbinotti: <https://orcid.org/0000-0001-5137-1811>

Carlos Adelar Abaide Balbinotti: <https://orcid.org/0000-0002-6358-1848>

**Editor:** Jorge Both.

Recebido em 23/08/22.

Revisado em 17/04/23.

Aceito em 08/05/23.

---

**Endereço para correspondência:** Gabriel Henrique Treter Gonçalves, Universidade do Estado de Santa Catarina, Rua Pascoal Sinome, 358, Bairro Coqueiros, Florianópolis, SC, CEP 88080-350. E-mail: [gabriel.goncalves@udesc.br](mailto:gabriel.goncalves@udesc.br)